

# DUMÉZIL, AS *MATRALIA* E AS QUATRO ESTAÇÕES

por

Francisco Vaz da Silva

Por vezes encontra-se no centro de grandes obras análises que, contradizendo os princípios fundamentais daquelas, são no entanto especialmente caras ao seu autor. No quadro da componente romana da reflexão de Georges Dumézil este é o caso da interpretação dos ritos das *Matralia*, cujos resultados se repercutem na análise da quadra estival do ferial romano (Dumézil, 1981) e são, por outro lado, citados como ilustração exemplar da possibilidade de reconstituir, pela comparação no seio do domínio indo-europeu, o essencial de antigos mitos romanos já obliterados na época clássica (Dumézil, 1987: 61-71).

A interpretação das *Matralia* por este autor assenta na ideia de que estes ritos expressam, mesmo depois de os romanos terem perdido a mitologia tradicional que os justificava, o “teologema” - atestado no Rig Veda - segundo o qual o Sol tem sucessivamente duas mães: a Noite e a Aurora, irmãs entre si. O sentido do mito romano decorreria assim do mito védico: «Le mythe révèle le sens du rituel, oublié déjà par les contemporains d’Ovide; le rituel garantit l’authenticité, l’ancienneté et l’importance du mythe [...]» (Dumézil, 1986a: 129).

Mas é contestável o tipo de concepção das relações entre mito e rito implicado neste raciocínio (cf. Lévi-Strauss, 1974: 257), tendo Dumézil (1981: 196) escrito, a propósito do contexto romano, que «la confrontation de l’anecdote et du rituel rend sensible la limite de la concordance qu’on peut attendre en pareil cas: le mythe n’est pas la transposition servile du rituel, il est plus riche, et l’on ne doit pas, de certains détails du mythe, même importants, conclure à l’existence de comportements rituels correspondants». No entanto, ele próprio realiza esta correspondência - elevando-a ao expoente máximo da improbabilidade - ao fazer sobrepor-se dois gestos rituais e dois fragmentos míticos, respectivamente inseridos em culturas resultantes duma milenar divergência cultural que torna inverosímil a possibilidade de sobrepor peça a peça, *mantendo a equivalência de cada elemento significativo*, os elementos comparados. De resto, Dumézil (1986d: 203, nt. 2. Cf. 1986a: 427) é formal ao escrever, noutras situações, que só cenas

aliada da boa Noite que gera o Sol e, correlativamente, é inimiga das Trevas demoníacas que expulsa no termo de cada noite (*id.*, 1981: 323). Nesta perspectiva a escrava passa a ser a má obscuridade e as matronas representam a Aurora - o colectivo das auroras - que em cada manhã expulsa as Trevas.

Nesta reordenação dos valores lidos no rito romano em função da escolha realizada nos hinos védicos, nenhum valor especificamente romano é implicado; sendo pois expectável que os resultados obtidos sejam problemáticos em relação ao próprio contexto do rito. Eis como Dumézil explica, à luz da glosa védica, a situação das *Matralia* no ferrial:

Mater Matuta est l'Aurore. A sa fête, les dames romaines miment les gestes que, mythiquement, elle fait, qu'on souhaite lui voir faire chaque jour de l'année dans sa brève intervention: l'expulsion des ténèbres, la réception attentive et affectueuse du soleil, fils de la nuit, - fils de sa soeur, dit la mythologie védique. [...] La proximité du solstice d'été n'est pas fortuite; c'est au moment où les jours, comme fatigués, réduisent à presque rien leur croissance pour bientôt se mettre à décroître, que la déesse aurore se fait le plus intéressante pour les hommes, comme l'est [...], au bout de cet inquiétant processus de raccourcissement, au solstice d'hiver, Angerona, la déesse qui élargit enfin les jours devenus *angusti*. C. Koch a d'ailleurs remarqué que, symétrique exacte de la fête de l'Aurore du 11 juin, une autre fête, le 11 décembre, célébrait le "Soleil ancêtre" [...]: cette dernière préparait peut-être l'effort de la silencieuse Angerona au solstice du 21 (*id.*, 1974: 343-344).

Vê-se que esta explicação obriga a imaginar Mater Matuta como a destinatária dum rito duplamente inútil: ineficaz, na medida em que pensemos que por ele se pretendia contrariar o inevitável "reco das auroras" ao longo dos seis meses seguintes; redundante, na medida em que suponhamos que ritos realizado sob a égide de Mater Matuta almejavam ao resultado que Diva Angerona (de acordo com a hipótese de Dumézil [1956, cap. II] relativa a esta deusa) facultaria eficazmente no momento do solstício de Inverno, que a experiência ensina ser propício a tal. É então na medida em que a explicação das *Matralia* por Dumézil escapa à necessidade - no entanto claramente definida na abertura do *magnum opus* por si dedicado à religião romana arcaica - de «sans renoncer aux services de la méthode comparative [...] considérer Rome et sa religion en elles-mêmes, pour elles-mêmes, dans leur ensemble» (*id.*, 1974: 8), que surgem dificuldades sérias, desde logo manifestas na classificação das *Matralia* sob a mais estranha forma de magia (cuja hipotética razão de ser não é demonstrada a partir de qualquer dado propriamente romano): aquela que *não pode*, pela ordem natural das coisas, ser eficaz.

Dumézil reconhece de resto que nada nos ritos sob a égide de Mater Matuta sugere a imagem de magia naturalista por si proposta; mas - fazendo seu o tipo de raciocínio a que Max Müller emprestava a sua autoridade - atribui isto a uma

priedades associadas à acção do sol e as que decorrem da sua falta. Esta região mediana (delimitada em relação à Cítia e montanhas rifeanas<sup>1</sup> a norte e a terras da Líbia a sul), na qual o poeta se situa, é com efeito associada a um princípio de alternância moderada que opera em dois planos homólogos, de desiguais modulações de amplitude: quotidiano (alternância entre os dias e as noites, regularmente remetidas às antípodas pelo sol nascente - *ibid.*: I, 240-243, 247-251) e sazonal (alternância entre os Verões e os Invernos, regularmente enviados *sub terras* pelo sol luminoso - *ibid.*: IV, 51-52).

Em consonância com esta homologia, o poeta (*ibid.*: I, 287-290) refere-se às noites húmidas da primeira parte do Verão, propícias ao trabalho do corte dos restos e dos fenos a que efectivamente convém o orvalho nocturno (Plínio, *op. cit.*: XVIII, 260), como *gelida nocte*. A mesma associação dos períodos nocturnos às propriedades climatéricas de frio e humidade (características do Inverno) comanda a consonância entre a atitude de Catão em relação aos dias chuvosos e a de Varrão em relação ao período das longas noites que encurtam o tempo útil de trabalho nos campos: em dias chuvosos o agricultor deve procurar ocupar-se dentro de casa (Catão, *De Agri Cultura*, XXXIX. 2. Cf. *ibid.*: II. 3), como no tempo anual em que o trabalho não pode desenrolar-se nos campos deve ocupar com trabalho em casa as horas escuras das manhãs de Inverno (Varrão, *op. cit.*: I, XXXVI. 1)<sup>2</sup>.

Estas considerações inserem-se numa moral cujo espírito Plínio (*op. cit.*: XVIII, 40) sintetiza, dizendo que (excepto por ocasião de mau tempo) quem faz de dia trabalhos que poderia realizar de noite é um mau chefe de família; quem se ocupa nos dias de trabalho com coisas que poderia deixar para os feriados é ainda pior; e quem, com bom tempo, trabalha dentro de casa em vez de nos campos, é o pior de todos. Ainda segundo este autor (*ibid.*: XVIII, 42-43), um homem cujo sucesso na agricultura causava *magna enuidia*, conseqüentemente acusado de prosperar à custa dos vizinhos mediante magia, apresentou da forma mais convincente a fórmula do seu sucesso: *lucubrationes [...] uigilisque et sudores*, comparável ao comportamento adequado às longas noites de Inverno: *lucubratione, uespertina e antelucana* (*ibid.*: XVIII, 232-233).

A moral do camponês italiano implica pois estender o tempo de actividade aos períodos *festi* (cf. Dumézil, 1981: 333), chuvosos ou nocturnos, de forma a impedir a diminuição do tempo útil de trabalho; a qual por outro lado Varrão proclama necessária quando os dias são máximos. A partir da mesma equação

---

<sup>1</sup> «Montagnes indéterminées situées au nord de la Scythie» (Rat, 1967: 215); «deemed to be in the far North» (Forster, 1979: 13, nt. e). Também em Plínio, «this name is applied vaguely to all the ranges of Northern Europe and Asia» (Rackham, 1989: 176, nt. a).

<sup>2</sup> A mesma atitude fundamental é patente na descrição vergiliana dos trabalhos apropriados aos dias de chuva e feriados (Vergílio, *op. cit.*: I, 259-275. Cf. Catão, *op. cit.*: II. 3-4) e às noites de Inverno (*ibid.*: I, 291-296).

noites quando estas são maiores simboliza a temperança dos habitantes duma terra definida como diferencialmente equinocial, em contraposição ao carácter excessivo dos bárbaros habitantes de terras sujeitas a uma periodicidade deficiente.

No eixo equinocial italiano, a Primavera e o Outono são associadas a regimes pluviosos mediante a dupla expressão: *tempestates autumnii, imbriferum uer*, (Vergílio, *op.cit.*: I, 311, 313), cujos termos Columella (*op.cit.*: XI, II, 31, 66) inverte (confirmando o seu sentido global) ao escrever que o equinócio de Primavera *tempestatem significat* e o de Outono *pluuiam significat*. A Primavera decorre em torno do equinócio vernal, entre o sopro do tépido vento Oeste que inicia o degelo desde a primeira metade de Fevereiro (Plínio, *op. cit.*: XVIII, 238-239) e o levantar das Pleiades no início de Maio, que anuncia o amadurecimento de toda a vegetação (*ibid.*: XVIII, 280), o fim definitivo do frio e o tempo próprio para as sementeiras do Verão (*ibid.*: XVIII, 250-253). Nesta estação a temperatura cálida, que prenuncia o calor estival, torna fecunda a pluviosidade remanescente do Inverno (cf. Vergílio, *op. cit.*: II, 324-333). Enquanto as folhagens tenras não experimentaram ainda os Invernos cruéis nem o poder imenso do sol (*ibid.*: II, 373-377), tem lugar, entre a estação do frio e a do calor (*frigusque caloremque inter*), o longo repouso sem o qual as *res tenerae* do mundo não poderiam suportar as penas a que são sujeitas (*ibid.*: II, 343-345). Quanto ao Outono, iniciado poucos dias após o levantar da Canícula (Varrão, *op. cit.*: I, XXVIII. 1-2; Columella, *op. cit.*: XI, II, 57; Plínio, *op. cit.*: XVIII, 269-271) - cuja primeira metade abrange conseqüentemente o abrasador mês de Agosto e o tempo da máxima dissecação anual logo antes do equinócio (Columella, *op.cit.*: XI, III, 8)-, liga-se às *aequinoctiales pluuias* (*ibid.*: IV, XXIII. 1) que, num quadro simétrico ao da Primavera, reanimam as terras ressequidas e moderam o calor estival no sentido do frio invernal, que prenunciam. Assim, Vergílio associa o equilíbrio perfeito entre os dias e as noites às chuvas propícias à sementeira - que distingue das chuvas contrárias à mesma, ligadas ao tempo das mais longas noites do ano - quando afirma que é necessário observar a estrela Arcturus, os dias dos Cabritos e a Serpente<sup>4</sup> e, desde que a Balança torna iguais os dias e as noites, iniciar a sementeira da cevada; a qual dura *usque sub extremum brumae intractabilis imbrem*<sup>5</sup> (*ibid.*: I, 204-211).

As estações equinociais realizam pois formas complementares e simétricas de transição entre as condições extremas de frio e humidade inverniais, de que a

<sup>4</sup> *Arcturus* levanta-se no começo de Setembro: tempo do início das lavras outonais. Os Cabritos - estrelas também designadas como *pluviales*, ou *nimbosi* - têm o seu levantar nocturno em 27 de Setembro: ponto do equinócio de Outono, que segundo Columella (*ibid.*: XI, II, 66) tem lugar em 24-26 de Setembro, anunciando chuvas e tempestades. A Serpente é também associada às tempestades (Cf. Rat, 1967: 212-214, nts. 364, 398, 399).

<sup>5</sup> Fairclough (1986: 95) traduz: «as late as the eve of winter's rains, when work must cease». M. Rat (*op. cit.*: 103) prefere: «Jusqu'à l'époque des pluies de l'intraitable solstice.».

superlativamente fecundo em que o gado e as árvores dão fruto duas vezes ao ano, a que no entanto é estranha a época estival (*hic uer adsiduum atque alienis mensibus aestas Ω bis grauidae pecudes, bis pomis utilis arbos*) (*ibid.*: II, 149-154). Esta inclusão implícita do Inverno no eixo equinocial italiano de onde o Verão é excluído reenvia a Varrão, que após invocar duas situações simétricas de periodicidade deficiente e, por oposição, atribuir à terra italiana uma periodicidade regular, ressalva que o Verão (não o Inverno) é uma exceção a esta situação, isto é uma reminiscência - que se impõe moderar mediante interpolação de “noites” - do exótico regime excessivo a que a temperança italiana é contrastada. Então, Varrão e Vergílio descrevem a terra italiana como um regime de periodicidade regular entre dias e noites, uma Primavera perpétua que exclui o Verão, mas (implicitamente) integra o Inverno, que em Itália é efectivamente reconduzido a um equilíbrio equinocial pelo imperativo moral de prolongar os dias em detrimento das noites.

Observemos que Plínio (*op. cit.*: XVII, 12-14) objecta à fórmula vergiliana de temperança climática das estações solsticiais, contrapondo em primeiro lugar ao pedido de *hiemes serenas* a ideia de que o rigor invernal tem uma função positiva para a regeneração vegetal. Mas esta noção é familiar a Vergílio, que afirma só serem abundantes as *seges* que tenham sentido duas vezes o sol, duas vezes o gelo (*op. cit.*: I, 47-48); o que, num contexto em que o trigo requer terras com pousio bienal (Columella, *op. cit.*: II, VIII. 4. Cf. Varrão, *op. cit.*: II, VII. 11; III, XVI. 33), significa o total dos dois anos necessários para completar em cada terra o ciclo do cereal<sup>6</sup>: aquele em que a terra é “preparada” pela acção combinada do arado, dos calores e do frio e aquele em que o cereal (que será colhido no Verão) prepara durante o Inverno, associado à noção de *nutricandum*, o crescimento primaveril (cf. Varrão, *op. cit.*: I, XXXVII. 4; XLV. 1-3. Plínio, *op. cit.*: XVIII. 49; XVIII, 52).

O segundo eixo do ataque de Plínio refere-se à injunção vergiliana de *umida solstitia*, a que o enciclopedista contrapõe a convicção de que a chuva no solstício não é boa para as vinhas; o que não equivale a afirmar que o calor intenso do Verão é bom sem chuva<sup>7</sup>. Com efeito, Plínio celebra as qualidades positivas do calor imoderado prevalecente em África (equivalentes às do frio imoderado prevalecente na Trácia - *op. cit.*: XVII, 31), sendo que onde, como no Egipto, o calor constante e a mera força do hábito produzem o mesmo efeito que a periodicidade

---

<sup>6</sup>O termo *seges* comporta com efeito o duplo sentido de campo onde é semeado o cereal e de produto da sementeira.

<sup>7</sup>Dado que o valor da relação das chuvas às árvores frutíferas nos vários pontos do ano depende, segundo o mesmo autor, dos ciclos específicos de floração (Plínio, *op. cit.*: XVII, 17). Nestes termos a afirmação de que a chuva no solstício é prejudicial às vinhas não implica pois o valor geral das chuvas solsticiais, mas apenas a sua relação ao ciclo particular duma planta específica.

estival, surgindo no entanto o árido Verão sob as cores da crise canicular. Esta comporta em si mesma uma faceta positiva, sendo com efeito as propriedades climatéricas extremas desta estação equivalentes às do Inverno na medida em que, sendo ambas destrutivas, são por isso mesmo úteis aos agricultores na função idêntica de (por processos contrários) desagregarem a terra (cf. Columella, *op. cit.*: XI, III, 13)<sup>11</sup>. Ora este tipo de complementaridade, destrutiva e potencialmente útil, é patente no plano teológico entre Lua Mater e o deus do fogo devorador «qui, comme Lua Mater, la déesse Dissolution, reçoit sur le champ de bataille, pour les anéantir, les armes prises à l' ennemi» (Dumézil, 1986b: 63). A situação das duas divindades no ferial confirma a sua simetria, dado que as *Volcanalia* de 23 de Agosto, como as *Saturnalia* de 17 de Dezembro em que Lua Mater é conjugada a Saturno nas orações dos pontífices, ocupam posições homólogas num mesmo quadro agrário. Como escreveu Dumézil (*op. cit.*: 169-170) ao notar este paralelismo,

Tapis au creux de l'intervalle de trois jours qui à la fois sépare et relie les Consualia et les Opalia, à quoi prétendent les Saturnalia du 17 décembre? Grand problème, que nous ne sommes pas encore en état de résoudre. Le groupement de ces fêtes sur trois jours impairs consécutifs doit avoir un sens [...]. Le fait que l'entité féminine qui lui est jointe [a Saturno] dans les prières des pontifes soit Lua Mater, "la Mère Dissolution", la bonne, l'utile destruction, [...] rappelle que, en août, c'est la fête du non moins destructeur Volcanus qui occupe la place homologue entre celles de Consus et d'Ops Consiva. [...] N'oublions pas que la conjointure qui implique l'un dans l'autre, avec des intervalles de trois jours, les deux couples Consualia-Opiconsivia (15 et 19) et Saturnalia-Divalia (17 et 21) reproduit la figure que forment, en août, les couples Consualia-Opiconsivia (21 et 25) et Volcanalia-Volturnalia (23 et 27) [...]: cette formule de composition indique une solidarité profonde entre les quatre

---

<sup>11</sup> Esta equivalência desagregadora é aplicada aos buracos destinados a árvores e vinhas, cavados um ano antes da plantação (realizada na Primavera ou no Outono, conforme o clima) para que a terra seja amaciada pelo sol e pela chuva (*ita sole pluviisque macerabitur, ibid.*: V, X, 2; cf. V, IX, 1), ou o sol e a geada (*sol et pruina, ibid.*: V, IX, 7). No mesmo sentido, Vergílio (*op. cit.*: I, 92-93) refere o efeito abrasante das propriedades climatéricas extremas características do Verão e do Inverno na superfície do solo. Segundo Columella (III, XI, 7) as tempestades, o gelo e o calor estival dissolvem, desfazem o mais duro tofo (*tempestatibus et gelo nec minus aestivis putrescere caloribus ac resoluti*). O mesmo Columella (II, X, 26) aconselha quem queira semear luzerna na Primavera seguinte, a lavrar a terra no início de Outubro e a deixá-la esboroar-se ao longo do inverno (*et eum tota hieme putrescere sinito*). Por outro lado, Vergílio afirma que só as *seges* que tenham conhecido duas vezes o sol e o gelo fornecerão amplas colheitas (*ibid.*: I 47-48), antes de dizer (*ibid.*: I 63-66) que as terras gordas (*terrae pingui*) devem ser lavradas nos primeiros meses do ano, para que no Verão pulverulento o sol possa "cozer" os torrões até que estes atinjam o ponto ideal (*glaebasque iacentis \ pulverulenta coquat maturis solibus aestas*); isto é, para que o sol possa desfazê-los, como o atesta a afirmação paralela de Columella (II, XV, 6), segundo quem *solidioris glaebas [...] solibus aestivis uaporatae resoluantur*. Assim o ardor solar estival e as chuvas e frio inverniais desempenham dois modos complementares numa acção fundamental de desagregação, que na medida em que o acto de arar é a tentativa de imitar um solo friável, *putre solum* (Vergílio, *op. cit.*: II 204) - consistindo pois a agricultura na tarefa de *resolvere et fermentare terram* (Columella, *ibid.*: II, II, 4-5) -, são utilmente aproveitados pelos agricultores.

VIII. 2) confirma que nos trinta dias que rodeiam o solstício não se deve lavar nem podar e acrescenta que, terminadas as sementeiras - *ad brumae tempora* (*loc. cit.*) -, tem lugar um período de trinta dias de descanso (*ibid.*: II, XII. 9), situado no tempo de dormência vegetativa ligado ao frio intenso iniciado com a *bruma*.

Assim, quando Columella (*op. cit.*: IV, XXXII. 5) afirma que *post brumam* [cessa o crescimento das canas tornadas hirtas pelo] *hiberno frigore*, refere-se ao torpor da natureza ligado ao frio intenso que se faz sentir durante os cerca de quarenta dias situados entre o solstício<sup>14</sup> e o início do tépido vento Oeste (Favonio latino, Zéfiro grego) na segunda semana de Fevereiro<sup>15</sup>. Varrão associa o mesmo período *inter brumam et faonium*, que diz durar quarenta e cinco dias (*op. cit.*: I, XXVIII. 2), ao trabalho nocturno, *antelucano tempore hiberno* (*ibid.*: I, XXXV. 1. Cf. Plínio, *op. cit.*: XVIII, 232-233). Refere-se-lhe certamente ainda (alusivamente) quando afirma que se a sementeira realizada *ante brumam* germina em sete dias, a sementeira realizada *post brumam* dificilmente o fará em quarenta dias (*ibid.*: I, XXXIV) e assim, como Columella, caracteriza em termos de dormência esta época que termina no ponto do *primi uerni temporis* situado em 7 de Fevereiro (*ibid.*: I, XXVIII. 1). Plínio (*op. cit.*: II, 122) prefere para a mesma efeméride o dia 8, com a chegada do vento que inaugura a Primavera (tendo ainda uma frescura salubre) e abre as terras (*ibid.*: XVIII, 338)<sup>16</sup>. Ovídio (*op. cit.*: II, 145-152) escolhe situar no dia 9 o *primi tempora ueris*, quatro dias após o início do sopro atenuante do vento Oeste (*Zephyris mollior aura*), mesmo se restam ainda dias frios e o Inverno deixa atrás grandes sinais de si, que a andorinha, *ueris praenuntia*, ainda virá porventura a encontrar ao chegar no dia 24 (*ibid.*: II, 853-854)<sup>17</sup>. Sem datações precisas, as mesmas ideias são claras em Vergílio; o qual afirma que *uere nouo*, sob o tépido vento Oeste, dá-se o degelo (*op. cit.*: I, 43-44) - *Zephyrique tepentibus auris laxant arua sinus* (*ibid.*: II, 330-331) -, que põe fim ao regime de *bruma gelu* (*ibid.*: III, 443) relativo ao fecho invernal das terras congeladas sob o sopro do vento Norte (*rura gelu tunc claudit hiems* *ibid.*: II, 317).

Columella confirma indubitavelmente a mesma associação entre as noções de frio glacial, dormência e dias brevíssimos, ao escrever que o tépido vento Oeste provoca o degelo, terminando a *Ryphaeae torpentia frigora brumae* (*op.*

<sup>14</sup>Notemos que a singularidade da *bruma* é demarcada mediante duas semanas de tempo brando (cujo valor distintivo deriva justamente de situar-se no início dos grandes frios) em torno desta efeméride (Plínio, *op. cit.*: XVIII, 231).

<sup>15</sup>Veja-se dois exemplos de aplicação desta noção em Columella (*op. cit.*: IX, XIV. 17-18; XI, III. 5).

<sup>16</sup>Mas enfatiza o carácter convencional desta data, em relação à qual distingue a chegada precoce ou tardia da Primavera (*op. cit.*: XVIII, 239).

<sup>17</sup>Columella (*op. cit.*: XI, II. 21-22) situa o levantar de Arcturus no dia 21 de Fevereiro e diz que as andorinhas são vistas pela primeira vez em 23 de Fevereiro. Plínio (*op. cit.*: XVIII, 237) coloca a mesma efeméride no dia 22 e o levantar nocturno de Arcturus no dia seguinte.

sendo em si mesmo conceptualmente satisfatório, é no entanto incompatível com a evidência experimental de que logo após o solstício de Verão o calor aumenta quando já o tempo diurno diminui e, logo após o solstício de Inverno, o frio aumenta quando já o tempo nocturno diminui. Nestas condições Columella é conduzido a associar hipotéticos dias crescentes ao calor realmente crescente após o solstício de Verão e um hipotético incremento térmico aos dias realmente crescentes após a *bruma*; sendo esta segunda operação a contrapartida duma outra já observada, igualmente contrária à experiência, que consiste em classificar em relação à noção de *bruma* os cerca de quarenta dias que constituem o período anual de maior frio - associando-os pois à noção estática de dias brevíssimos -, mesmo se na realidade os dias crescem desde o solstício.

Nos três casos, encontramos-nos perante aplicações do tipo de operação conceptual a que Lévi-Strauss (1971: 3-4) chamou *dedução transcendental*:

Empirical deduction occurs whenever a myth attributes a function, value, or symbolic meaning to a natural being because of an empirical judgement associating the being with the attribution. [...] Transcendental deduction [...] does not necessarily rest on a true or false, a direct or indirect empirical base; rather it stems from the awareness of a certain logical necessity, that of attributing certain properties to a given being because empirical deduction has previously connected this being with others on the basis of a set of correlative properties.

Com efeito, um mesmo «set of correlative properties» comanda a associação entre as noções estáticas de período de maior frio e de período de dias brevíssimos e, por outro lado, a ligação dum hipotético incremento térmico ao reconhecimento do crescimento *post brumam* dos períodos diurnos. Este reconhecimento, familiar ao pensamento dos Romanos (v. Frazer, 1929b: 109), é exemplarmente exposto por Ovídio, para quem a *bruma* marca o ponto das mais longas noites, mas também aquele em que os dias recomeçam a crescer. Apesar de na Primavera tudo florescer e de o tempo então se renovar (Ovídio, *op. cit.*: I, 151), dos brandos sóis que então brilham (*ibid.*: I, 157) e de nessa estação a terra suportar a cultura, sendo renovada pelo arado (*ibid.*: I, 159); apesar de tudo isso, é a *bruma* que marca o início do novo sol (*bruma noui prima est ueterisque nouissima solis - ibid.*: I, 163) e, portanto, do novo ano que se inicia no mesmo ponto (*ibid.*: I, 164). Justamente, Columella mais não faz do que transpor a mesma concepção do registo periódico ao registo (homólogo) das propriedades climatéricas, quando associa à *bruma* (antecipando-o) o cenário de acréscimo térmico que Fevereiro (*uere nouo* de Vergílio) iniciará, mas só na época do equinócio (*uere sereno* de Vergílio) será plenamente realizado.

Isto é, ao tomar como pertinente o facto de que a partir da *bruma* os dias crescem, Columella associa a este período o acréscimo térmico primaveril. Por outro lado, assumindo como pertinente o facto de que após o solstício de Junho

Ovídio, *op. cit.*: I, 663-674).

Em contrapartida, em relação ao Verão surge como única evidência pertinente o aumento sensível do calor e da dissecação (a que Columella associa um aumento figurado dos dias), não o da diminuição dos períodos diurnos (teoricamente correlativo da enunciação duma diminuição de temperatura)<sup>19</sup>. Esta perspectiva única corresponde ao denominador comum das preocupações colectivas tal como estas surgem, nas semanas seguintes, reflectidas no ferial. Na passagem poética citada, Columella (*op. cit.*: X, 311-320) situa com efeito o cenário do “crescimento” pós solsticial dos dias num quadro sazonal de violento ardor solar, em que o agricultor que acaba de vender os produtos hortícolas entoia laudes a Fors Fortuna antes de ir plantar o manjerição - regando-o abundantemente - na terra desfeita pelo calor<sup>20</sup>, certamente correspondente ao solo *carbunculus* que Varrão (*op. cit.*: IX, 2-3) define como sendo de tal modo sobreaquecido, que queima as raízes das plantas<sup>21</sup>.

Em suma, à primeira vista o Estio surge aos olhos dos Romanos na tonalidade única da crise provocada pelo ardor solar excessivo; o que reenvia à declarada aridez do Estio declarado exógeno à fertilidade “equinocial” da terra italiana; mas também à dupla observação de que esta estação tem uma dimensão regeneradora e de que, por outro lado, a conjugação entre águas e calor imoderado é equacionada à fertilidade superlativa, que desde logo paira como uma realidade virtual sobre o Verão italiano.

É pois tempo de observar que o ferial Romano realiza no plano ritual, desde os primeiros calores anuais, a imagem vergiliana de *umida solstitia*, a que associa um valor de fertilidade superlativa análogo àquele que Plínio reconhece (no plano agrícola) à conjugação das águas e do ardor solar em África. A propósito do texto em que Columella associa o “crescimento” pós-solsticial dos dias ao calor imen-

---

<sup>19</sup> Assim, quando excepcionalmente - em Plínio (cf. *supra*: 3) - a diminuição solsticial dos dias é formulada, é-lhe associado um decréscimo de temperatura já significativamente reportado ao Inverno; o que oblitera pura e simplesmente a quadra estival.

<sup>20</sup> «But when the harvest with ripe ears of corn | grows yellow and when, passing the Twin stars, Titan extends the day and with his flames [*atquem diem gemino Titan extenderit astro*] | consumes the claws of the Lernaean Crab, | garlic with onions join, and with the dill | Cere's blue poppy, and to market bring | still fresh the close-packed bunches and, with wares | all sold, to Fortune solemn praises sing [*Et celebres Fortis Fortunae dicite laudes*], | and to your garden home rejoicing go. | Now plant the basil too in fallow ground, well-trenched and watered; tightly press it down | with heavy rollers, lest the burning heat | of earth dissolved in dust the seedlings scorch [*exurat sata ne resoluti pulueris aestus*]» (Forster & Heffner, 1979: 35).

<sup>21</sup> Assim, após o solstício deve-se cavar em redor das árvores e empilhar terra em seu redor (Plínio, *op. cit.*: XVIII, 295) antes que o calor solar queime a terra (Columella, *op. cit.*: XI, 2. 54), a fim de impedir a penetração do sol até às raízes das árvores pelas fendas da terra gretada pelo calor (*ibid.*: V, IX. 12).

fosse esquecida. Assim, Dumézil (1974: 340) declarou que «aucune fête publique ne marque les équinoxes ni le solstice d'été, aucune divinité ne les patronne [...]». Em contrapartida, o mesmo autor (1956: 46 nt. 1) defendeu assim a situação solsticial da festa dedicada a Diva Angerona:

Jusqu'au premier siècle sans doute, les Romains, comme chacun de nous, devaient être incapables de dire, d'expérience, à quelques unités près, que *tel jour était le plus court de l'année*. Cependant [...] les romains savaient en tout cas qu'il y avait un temps annuel critique, *angusti dies*, et que, un beau jour, la crise cessait: *Angerona* était l'agent de ce processus sauveur.

Ora esta perspectiva é certamente aplicável (também) a Junho. Com efeito, o facto de Columella situar o solstício nos dias 24, 25 e 26 (*op. cit.*: XI, II. 49) e mesmo - noutra passagem - em 23 e 24 (*ibid.*: II, IV. 4), sugere que Ovídio, ao atribuir o solstício ao dia 26 a que o calendário venusiano associa a inscrição *solstitium confec.*, julga ser adequado referir a efeméride ao ponto em que o solstício - concebido como evento ocorrente ao longo dum intervalo temporal - se encontra perfeito. Neste sentido, podemos observar que Plínio (*op. cit.*: XVIII, 256-257), escrevendo por um lado que em 24 de Junho *longissimus dies totius anni et nox breuissima solstitium conficiunt*, por outro lado expressa-se como alguém que concebe o fenómeno enquanto intervalo temporal algo indefinido, ao aconselhar os camponeses a não pensarem que o solstício passou (*transisse solstitium*) enquanto as pombas não tiverem começado a incubar os seus ovos (*ibid.*: XVIII, 27). O mesmo aplica-se ao solstício de Inverno, «reckoned in the Julian calendar to fall on the twenty-fifth of December» (Frazer, 1929b: 109); mas as contas de Varrão (*op. cit.*: I, XXVIII. 1, segundo Brind'Amour, 1983: 15-16) parecem apontar para 24 de Dezembro e Columella (*op. cit.*: XI, II. 94) faz questão de notar que o grego Hiparco situa o solstício em 17 de Dezembro; o que ilustra a latitude do intervalo que parece ser aceitável conceber, para lá da data convencional escolhida por cada autor. Por outro lado, Columella (*op. cit.*: IX, XIV. 12) escreve que o solstício de Inverno encontra-se realizado *por volta do dia 25 de Dezembro (brumam, quae fere conficitur circa VIII calend. Ianuarii)*; confirmando assim o conselho de Plínio aos agricultores em relação à ideia de que os solstícios terão sido encarados como intervalos situados entre um ponto inicial (algo impreciso) e um ponto em torno do qual se pode considerar terminada a ocorrência do fenómeno.

Nestas condições, é aceitável a ideia de que as *Dualia* de Dezembro visariam ultrapassar da melhor forma os *angusti dies* dum destes intervalos solesticiais; mas reciprocamente, é inaceitável esquecer que o dia em que ocorre a festa de Fors Fortuna foi explicitamente associado à realização do solstício de Verão pelo calendário de Philocalus (Frazer, 1929c: 333, nt. 3), por Varrão (Brind'Amour,

- e ao qual Plínio associa pontos privilegiados de África, por oposição implícita à aridez do estio italiano<sup>22</sup>.

Uma terceira ordem de considerações decorre do facto de Dumézil - escolhendo não tirar da situação solsticial dos ritos aquáticos da *Tiberina descensio* qualquer consequência teórica - realizar a propósito da festa das *Neptunalia* de 23 de Julho (situada no início da Canícula) importantes observações sobre um plausível modo especificamente romano de expressar no ferial, mediante a articulação entre o conteúdo “aquático” e a situação “solar” de ritos, a ideia arcaica duma articulação estreita entre e as águas e o fogo:

Ce sont naturellement les indiens, précoces philosophes, qui [...] dans des louanges lyriques, ont donné à ce paradoxe le plus riche développement: les eaux terrestres contiennent en elles, ont pour “petit-fils” ou “descendant”, ce qui devrait être, par nature, leur inconciliable contraire, le feu; ce feu interne les oblige à se mouvoir et, à travers elles, donne vie aux plantes; et ce feu est le même que ceux qui se manifestent dans les eaux non terrestres, le soleil dans l’océan du ciel, l’éclair au sein des nuées et de la pluie. Dans quelle mesure cette théorie était-elle déjà celle des prêtres, des penseur indo-européens? L’Irlande ne permet pas de décider [...]. Mais Rome présente ce que ne possède pas l’Irlande, un calendrier journalier, dans lequel la fête de Neptune et le prodige du lac Albain se rejoignent au début des jours caniculaires, en sorte que, à défaut du “Feu dans l’Eau”, nous observons une liaison, au moins dans le temps, entre l’eau terrestre et le feu céleste à son maximum annuel. Il est donc probable que, de toujours, l’ancêtre commun d’Ap@m Nap@t, de Nechtan et de Neptune était bien une divinité maîtresse des eaux courantes, dans la définition de laquelle certains rapports du feu et de l’eau, spéculatifs ou saisonniers, tenaient une place importante. [...]. L’hymne consacré à Ap@m Nap@t insiste sur la dépendance où les plantes sont à l’égard des eaux [...], et à Rome, l’exigence que les abris contre le soleil, pendant les *Neptunalia*, soient faits non d’étoffes, mais de feuillage, s’explique au mieux [...] si elle exprime le rapport évident qui existe entre les eaux courantes et la végétation. [...] Le culte de Nechtan, de Neptune, d’Ap@m Nap@t sans doute, devait donc avoir pour intention de maintenir en état de fonctionnement, au service des hommes, tout le système naturel d’abreuvement et d’arrosage, à la fois fécondant et inquiétant. Et en Occident, en Italie au moins, le principal risque était la sécheresse au fort de l’été, au moment où, dans le couple

---

<sup>22</sup> A oposição - implícita na passagem examinada em que Plínio contradiz Vergílio (cf. *supra*: 6) - entre a aridez do estio italiano que nega a benéfica conjunção entre águas e calor e pontos privilegiados de África que realizam esta, é patente no paralelismo entre a imagem genérica da evolução da estiagem italiana - início dos calores por volta do solstício; seu recrudescimento aquando do levantar da Canícula e enquanto o sol está no signo do Leão (dias caniculares); quebra dos calores e chegada das águas aquando do equinócio (sol na Balança) - e a descrição por Plínio da evolução das cheias do Nilo, no Egipto que deve a sua fertilidade ao *aestus immodici* (*op. cit.*: XVII, 31) e onde o Nilo faz o papel do agricultor, começando a transbordar no solstício, alagando violentamente o que o rodeia quando o sol está no Leão, abrandando a cheia quando o sol passa à Virgem e tornando a corrente ao estado normal quando o sol atinge a Balança (*ibid.*: XVIII, 167).

como um fenómeno indesejável a que os Romanos opunham ritos de magia simpática, os autores passados em revista correlacionam com efeito o maléfico incremento da estiagem e dias crescentes (Columella); a diminuição dos períodos diurnos e a benéfica moderação do calor estival (Varrão; Vergílio); a diminuição dos períodos diurnos e a preparação da benéfica renovação invernal (Plínio). Parece assim claro que a interpretação funcional decorrente da exegese védica das *Matralia* não se adequa ao modo como os antigos Romanos encaravam o tempo da crise estival. Ora uma interpretação daqueles ritos não pode deixar de considerá-los em contexto; o que, em Roma, passa pelo estudo da organização dos ritos religiosos no quadro cíclico do ferial anual que, sabe-se - os *Fastos* de Ovídio sugerem-no e a obra de Dumézil (1974, 1979, 1980, 1981, 1986b) demonstra-o -, ilustra articulações conceptuais subjacentes à religião arcaica. Eis uma brevíssima ilustração de como esta via pode ser utilmente conjugada ao tipo de análise que precede.

A obra comparativa de Dumézil (últimas sínteses: 1986a: 268-278, 1986c: 153-168) aponta a homologia entre os deuses romanos Júpiter e Dius Fidius e os védicos Varuna e Mitra enquanto representantes das duas metades da “primeira função” divina indo-europeia. No entanto, em Roma esta complementaridade coexiste com a *maiestas* indisputada de Jupiter (*id.*, 1980: 137), que, «aussi loin qu’on le connaisse, confisque les deux aspects, varunien et mitrien, de la Souveraineté, ne laissant au pâle Dius Fidius qu’un reflet du second» (*id.*, 1986: 180). Por outro lado, esta relação desigual entre o deus máximo e Dius Fidius por vezes confundido com ele, mas “mitriano” e que inclui no nome “l’aspect Dius, lumineux” (*id.*, 1974: 190-191; 1986c: 155-157), parece ter a sua contrapartida na relação desigual entre o deus máximo e Summanus «qui n’est peut-être qu’un aspect de Jupiter et dont le nom (*sub, mane*) indique clairement le temps de son action» (*id.*, 1986c: 156), em cujo templo são oferecidos no seu *dies natalis* (20 de Junho) bolos em forma de roda cujo simbolismo refere (segundo Dumézil, 1981: 148) que «la partie de la nuit qui concerne Summanus est celle qui précède l’apparition du “disque” solaire» e é assim (como nota Jacqueline Champeaux, 1988: 89) complementar do da roda ou disco ligado(a) a Semo Sancus Dius Fidius, «le dieu du ciel lumineux, celui qu’on prend à témoin dans les serments [...], qui, comme le nocturne Summanus dont il est la contrepartie et, littéralement, l’autre face, est lui aussi un dieu à la roue».

Dir-se-ia assim que Summanus e Dius Fidius se distribuem pelas duas faces da soberania que o soberano máximo cumula: aspecto diurno, «nettement mitrien» (Dumézil, 1986c: 156), com a esfera do juramento e mais geralmente dos contratos, dos actos de direito, «sous la garantie de la *fides*, elle-même garantie par Juppiter et divinisée dans son voisinage immédiat en tant que Fides ou en tant que Dius Fidius» (*id.*, 1980: 43); aspecto nocturno, no qual a função varuniana de

1). Ora o sacrifício a *Dius Fidius* em 5 de Junho (cf. Ovídio, *op. cit.*: VI, 213-218; Frazer, 1929c: 158 sq.) é ligado no ferial ao dia 9 das *Vestalia* pelo intervalo de três dias que indicia frequentemente, «de points de vue différents, [...] une même préoccupation» (Dumézil, 1986b: 22); sendo verdade que este mesmo tipo de intervalo - ligando entre si a abertura anual do templo de *Vesta*, as *Matralia* e o termo da abertura daquele templo - expressa também a proximidade conceptual entre *Vesta* e *Mater Matuta* (cf. Dumézil, 1981: 175-176) enquanto formas moderadas (respectivamente terrestre e celeste) do fogo.

Finalmente, parece ser claro que o dia 11 tem em Junho (festival das *Matralia*), como em Dezembro (sacrifício a *Sol indiges*), um valor astral ligado ao solstício iminente (cf. Schilling, 1979: 55). Se se aceitar restituir ao *dies Fortis Fortunae* de 24 de Junho o valor solsticial outrora apercebido por Frazer (cf. Champeaux, 1982: 211-216), é então possível dizer que a festa de *Mater Matuta* associa-se em Junho ao festival de *Fors Fortuna*, como em Dezembro o sacrifício a *Sol Indiges* se associa à festa solsticial de *Diva Angerona* (Figura 2). Nesta hipótese, à proximidade entre o sacrifício a *Dius Fidius* e as pré-solsticiais *Matralia* na primeira metade de Junho corresponde a proximidade entre o sacrifício a *Summanus* e o solsticial *dies Fortis Fortunae* na segunda metade do mesmo mês.

## JUNHO

11: *MATER MATUTA* 24: (festa solsticial) *DIES FORTIS FORTUNAE*

## DEZEMBRO

11: *SOL INDIGES* 21: (festa solsticial) *DIVA ANGERONA*

## FIGURA 2

Ora sabemos que segundo Varrão (*op. cit.*: I, XXVII. 1, XXVIII. 1-2), o solstício divide o Verão (*aestatis*) em dois períodos distintos e, de acordo com Columella (*op. cit.*: XI. III, 18, 33-34), desde o início do Verão (*ingruente aestate*) só a salsa e o manjerição devem ser semeados por gostarem especialmente de calor; mas é no segundo período, *peracto solstitio* (*ibid.*: IX, XIV. 5), que se pode falar em calor devastador (*ibid.*: II, XX. 1). Assim o mês de Junho divide-se entre o calor moderado do início do Verão e o calor excessivo ligado ao solstício, que define (desde as *Idas*, que teoricamente bipartem o mês de base lunar no ponto da lua cheia - cf. Frazer, 1929b: 73-75) a segunda metade do mês (Columella, *op. cit.*: XI, II. 49). É pois interessante notar que na primeira metade de Junho o sacrifício a *Dius Fidius* está cronologicamente para os festivais de deusas ligadas ao fogo temperado (terrestre e celeste), como na segunda metade do mês o sacrifício a *Summanus* está para a conjugação temporal do festival aquático de *Fors*

## OBRAS CITADAS

ASH, Harrison Boyd (tradutor):

1977-Lucius Junius Moderatus Columella, *On Agriculture*, in three volumes (vol. I: *Res Rustica* I-IV), Cambridge, Harvard U. Press & London, W. Heinemann, Loeb classical Library n° 361.

BRIND'AMOUR, Pierre:

1983-*Le calendrier Romain - Recherches chronologiques*, Ottawa, Éditions de l' Université ("Collection d' Études anciennes" n° 2).

CATÃO (vide HOOPER).

CHAMPEAUX, Jacqueline:

1982-Fortuna. *Recherches sur le culte de la Fortune à Rome et dans le monde romain des Origines à la mort de César*, I: *Fortuna dans la religion archaïque*, Rome, Coll. de l'École Française n° 64.

1988-«Summanus au solstice d' été», in PORTE, D. & NÉRAUDAU, J.-P. (éds.): *Res Sacrae - Hommages à Henri le Bonniec*, Bruxelles, Coll. Latomus, vol. 201, pp. 83-100.

COLUMELLA (vide ASH; FORSTER & HEFNER).

DUMEZIL, Georges:

1956-*Déeses latines et mythes védiques*, Bruxelles, Coll. Latomus, vol. XXV.

1974-*La religion Romaine archaïque*, avec un appendice sur *La religion des Étrusques*, Paris, Payot ("Bibliothèque Historique"), deuxième édition revue et corrigée [Reimpressão: Payot, 1987].

1979-*Mariages Indo-Européens*, suivi de *Quinze questions Romaines*, Paris, Payot ("Bibliothèque Historique").

1980-*Idées Romaines*, Paris, Gallimard ("Bibliothèque des Sciences Humaines") [1ª ed.: 1969].

1981-*Mythe et épopée, III - Histoires romaines*, Paris, Gallimard ("Bibliothèque des Sciences Humaines"), troisième édition corrigée [1ª ed.: 1973].

1986a- *Mythe et épopée I - L'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens*, Paris, Gallimard ("Bibliothèque des Sciences Humaines") [1ª ed.: 1968].

1986b- *Fêtes Romaines d'été et d'automne*, suivi de *Dix questions romaines*, Paris, Gallimard ("Bibliothèque des Sciences Humaines") [1ª ed.: 1975].

1986c- *Les dieux souverains des Indo-Européens*, Paris, Gallimard ("Bibliothèque des Sciences Humaines"), troisième édition revue et corrigée [1ª ed.: 1977].

1986d- *Loki*, Paris, Flammarion (nouvelle édition refondue).

FAIRCLOUGH, H. Rushton (tradutor):

1986- *Virgil in Two Volumes*, Vol. I (*Eclogues, Georgics, Aeneid* I-VI), Cambridge, Harvard U. Press & London, W. Heinemann, Loeb classical Library n° 63.

FORSTER, E.S. & HEFFNER, E.H. (tradutores):

1968-Lucius Junius Moderatus Columella, *On Agriculture*, in three volumes, vol. II (*Res Rustica* V-IX), Cambridge, Harvard U. Press & London, W. Heinemann, Loeb classical Library n° 407.

1979-Lucius Junius Moderatus Columella, *On Agriculture*, in three volumes, vol. III (*Res Rustica* X-XII) Cambridge, Harvard U. Press & London, W. Heinemann, Loeb classical Library n° 408.